

O comércio: uma análise do pensamento de Quesnay, Turgot e Adam Smith e o papel dos artesãos.

Daniele Cristina de Oliveira
Liliana Grubel Nogueira
Neilaine Ramos Rocha de Lima
(universidade Estadual de Maringá-CRV)

Resumo: na segunda metade do século XVIII, duas teorias se destacam ao elaborarem suas críticas à política econômica do Estado mercantilista: na França, a Fisiocracia e na Inglaterra, o Liberalismo. A proposta do presente trabalho é promover um estudo acerca das concepções de comércio existentes nas escolas de pensamento econômico clássicas: Fisiocracia e Liberalismo. Para tal estudo foram selecionados três principais autores ideários em questão: François Quesnay, Jacques Turgot, ambos fisiocratas, e o liberal Adam Smith, destacando o papel do artesão. A Fisiocracia defende a agricultura como fonte da riqueza nacional concebendo o comércio como primordial, não como fonte principal de acúmulo de riqueza. Por sua vez A. Smith concebe a troca de mercadorias como raiz do desenvolvimento do capital. Portanto, há distintas visões sobre a ação e consequência do comércio para a economia e seu desenvolvimento. Buscaremos, assim, compreender, através da história das ideias, como o homem do passado almejava interpretar seu tempo e o seu espaço, tendo em vista que esses teóricos observavam não só o desenvolvimento de seu contexto, mas o desenvolvimento da própria ação humana através dos tempos, na observação das instituições econômicas, no caso o comércio.

Palavras-chave: fisiocracia; liberalismo; comércio; artesão.

Introdução

Tanto a fisiocracia quanto o liberalismo clássico nasceram em um contexto de crítica às práticas e ideias mercantilistas dos séculos XVII e XVIII na Europa. De acordo com Pierre Deyon (2001), mercantilismo não fora uma escola de pensamento econômico, mas nasceu da prática, das necessidades políticas, que fizeram do protecionismo, intervencionismo, uma batalha pela hegemonia econômica europeia.

Não existe definição comum do mercantilismo e de seus caracteres fundamentais. Uns falam do nacionalismo autárquico, outros, do intervencionismo do Estado, outros ainda atribuem uma importância primordial ao bulionismo, isto é, à crença de que a acumulação dos metais preciosos é a única forma de riqueza. (DEYON, 2001. p 14).

Na França, segundo Deyon, entre 1580 e o fim do século XVII, o mercantilismo se impôs com maior força e coerência. Mesmo a crise econômica que ocorre na Europa no século XVII, não se torna um obstáculo para a continuidade desse sistema econômico. Na Inglaterra também houve mercantilismo, assim como em outros países da Europa.

Porém, no século XVIII o mercantilismo perde sua força e a chamada ideologia das “luzes”, certamente, foi um dos fatores que contribuíram para isso. Para Deyon o mercantilismo envelheceu a partir do século XVIII, houve uma redução do papel dos metais preciosos nas trocas internas e o desenvolvimento do papel-moeda.

Justamente no século XVIII, os fisiocratas desenvolvem suas ideias, que eram bastante críticas em relação ao mercantilismo:

Quesnay, no artigo “cereais” da Enciclopédia, já havia instruído o processo do mercantilismo (1757). O teórico da fisiocracia retoma aí a maior parte das críticas de Boisguilbert, censura a Colbert e a seus sucessores o terem abandonado a agricultura, e não terem pensado senão nas manufaturas e no comércio exterior. [...] por esta política extinguímos entre eles e nós um comércio recíproco que nos era plenamente vantajoso.” Ataca assim o próprio fundamento do mercantilismo: a teoria da balança comercial; ela não permite, afirma ele, conhecer o estado do comércio e das riquezas de cada nação. Seu preconceito agrário e sua inaptidão em formular uma teoria geral do valor limitam, entretanto, o alcance de sua crítica. (DEYON, 2001. p. 87).

Deyon destaca a figura de A. Smith e sua crítica ao mercantilismo, ressaltando o liberal como um dos grandes pensadores que reagiram a esse sistema.

Seguindo A. Smith, toda escola clássica considerou este sistema como nefasto e absurdo, denunciou suas confusões a propósito da riqueza e das moedas, sua obsessão da balança do comércio, o caráter unilateral de sua regulamentação, exclusivamente favorável aos poderosos e aos ricos. (DEYON, 2001. p. 88).

Concepções de comércio para Quesnay e Turgot na Fisiocracia

Fisiocracia, etimologicamente, significa “governo da natureza”. Em meados do século XVIII a Europa estava passando por dificuldades, como baixa produção. Na França ocorrem guerras sucessivas. E é nesse quadro de acontecimentos que a teoria dos fisiocratas iniciou-se.

Com a obra de Quesnay, publicada em (1758) “Quadro Econômico”, as ideias dos fisiocratas tiveram grande repercussão. Anne Robert Jacques Turgot foi outra figura de destaque que desenvolveu obras relacionadas às ideias fisiocratas, como a obra publicada no ano de (1779) “Reflexões sobre a formação e distribuição de riquezas”, uma ampla crítica ao mercantilismo.

A teoria fisiocrata teve curto prazo começando pela publicação de escritos econômicos de Quesnay em 1756, e chegando ao fim em 1776 quando Turgot perde poder político na França. Nesse mesmo ano Adam Smith publica sua conhecida obra “A Riqueza das Nações”, segundo o autor Stanley Brue:

Os fisiocratas surgiram na França próximo ao final da época mercantilista. O início dessa escola pode ser datado em 1756, quando Quesnay publicou seu primeiro artigo sobre economia na Grande Enciclopédia. E escola terminou em 1776, quando Turgot perdeu seu alto posto no governo francês e Smith publicou seu Wealth of Nations. Mas a influência dos fisiocratas durou muito mais que duas décadas durante as quais eles lideraram o mundo do pensamento econômico. (BRUE, 2006 p. 33).

François Quesnay foi um médico cirurgião que estudou em Paris, embora tenha iniciado o estudo da economia tardiamente, e nunca tenha deixado de dedicar em parte à cirurgia, se interessava muito pela área de economia e pelos problemas que a sociedade enfrentava.

Ele era categórico ao afirmar que a liberdade do comércio era importante e que o Estado deveria fazer a sua parte criando condições necessárias para o desenvolvimento econômico:

Se é certo que Quesnay pugnava por uma redução drástica da intervenção estatal na vida econômica, defendendo nomeadamente a abolição dos monopólios e a liberdade de comércio tanto interno quanto externo, não é menos certo que ele defendia que o Estado devia actuar com a maior firmeza para criar as condições necessárias para que as leis naturais pudessem impor-se. (QUESNAY, 1758 p. 55).

Quesnay descreve o modelo para a economia das nações no qual a sociedade se divide em três classes: a classe produtiva (considerada a única realmente digna de produzir basicamente alimentos e matérias-primas); a classe dos proprietários; e a classe estéril (os que trabalham na indústria e comércio, que por sua vez são responsáveis pela fabricação dos produtos manufaturados e pela prestação de serviços) (QUESNAY, 1978).

Anne Robert Jacques Turgot ocupou cargos como administrador regional e mais tardiamente como controlador geral da França, estudou em Sarbone Paris. Turgot se interessava pela ciência econômica, procurando sempre se inteirar do que ocorria no interior de seu país. Foi respeitado por grandes defensores da liberdade como Barão de Montesquieu. Sua primeira publicação sobre economia data de 7 de abril de 1749. (POWELL, s/d)

Turgot já estava acomodado com a visão dos fisiocratas, e defendeu a liberdade econômica e a estimulação do comércio em um país:

Conclui-se disso que um país onde o comércio é grandemente estimulado, onde há muitos produtos e muito consumo, onde há muita oferta e procura (demanda) de todos os tipos de

mercadorias, cada espécie terá um preço corrente relativamente a cada outra espécie, isto é, uma certa quantidade de uma equivalerá a uma certa quantidade de cada uma das outras. (TURGOT, 1779 p. 142).

Turgot defendia a ideia de livre comércio de cereais, essa foi uma de suas prioridades. No dia 13 de setembro de 1774 o próprio Turgot baixou um decreto e escreveu:

[...] deve ser livre todas as pessoas prosseguirem, de forma que lhes parecer melhor, com o comércio de milho e farinha vendendo e comprando em quaisquer localidades que escolheram em todo o reino” (POWELL s/d).

Na visão fisiocrata, para que a França pudesse ter o desenvolvimento da manufatura, a ação do livre comércio na sociedade francesa deveria ser imprescindível:

A França poderia, desde que o comércio fosse livre, produzir abundantemente os gêneros de primeira necessidade suficientes a um grande consumo e a um grande comércio exterior que poderiam manter no reino um grande comércio de obras manufaturadas. (QUESNAY, 1986 p. 337).

Concepções de comércio para Adam Smith

Adam Smith (1723-1790) foi um importante economista e filósofo escocês. Teve como cenário para sua vida o atribulado século das Luzes (XVIII). Ele é considerado o pai da economia moderna e o mais importante teórico do liberalismo econômico. Smith aderiu, em partes, às ideias fisiocratas, como a liberdade econômica. Mas, diferentemente dos fisiocratas, Smith reconhecia a importância de todos os setores da economia para o desenvolvimento da riqueza. Para os fisiocratas, o setor agrícola era o maior responsável pela produção, já Smith compreendia que todos os setores econômicos eram essenciais para a produção.

Vejamos a definição fisiocrata do conceito de troca, dentro do contexto das ideias do próprio desenvolvimento das concepções liberais clássicas de Adam Smith, que observa a troca como base para o desenvolvimento econômico.

O comércio é uma troca entre coisas que existem e que tem, cada uma delas, o seu valor respectivo. Existe ainda a necessidade de trocar condição sem a qual não haveria qualquer troca ou comércio; todas estas coisas precedem a ação de trocar; a troca ou comércio não fazem nascer os produtos: a ação de trocar não produz, portanto, nada; é somente necessária para satisfazer uma necessidade que é ela própria, a causa da troca. (QUESNAY, 1958 p. 234, 235).

Já Adam Smith cita a terra como algo que a sociedade precisa tanto para a produção de alimentos quanto para as necessidades individuais da humanidade, mas sem o comércio, a terra per si, não significa muita coisa. Portanto, há uma valorização conjunta da terra e do comércio.

[...] em razão do aprimoramento e do cultivo da terra, o trabalho de uma família é capaz de produzir alimentos para duas, basta o trabalho da metade da sociedade para prover de alimentos o país inteiro. A outra metade da população, portanto, ou menos a maior parte dela pode ser empregada em produzir outras coisas ou para atender a outras necessidades ou caprichos da humanidade. [...] a maior parte dessas necessidades e caprichos são representados pelo vestuário e pela moradia, pelos móveis domésticos e pelo o que é chamado de equipamentos. (SMITH, 1996 p. 202 - 203).

Segundo Huberman, o economista Adam Smith tinha a seguinte visão sobre os fisiocratas:

Esse sistema, porém, com todas as imperfeições, é talvez o que mais se a próxima da verdade, dentre os já publicados sobre a questão da Economia Política... Embora ao representar o trabalho da terra como único produtivo, as noções que inculca são talvez demasiados estritas e confinadas; no entanto, ao representar a riqueza das nações como formada não das riquezas de dinheiro, que não podem ser consumidas, mas pelos bens consumíveis anualmente reproduzidos pelo trabalho da sociedade, e ao representar a liberdade perfeita como único recurso eficiente para aumentar a produção anual da melhor forma possível, sua doutrina parece ser, sob todos os pontos de vista, tão exata quanto generosa e liberal.(HUBERMAN, 1979 p. 151).

Os fisiocratas defenderam o livre comércio com o lema Laissez-faire, frase criada por Vicente de Gournay. Segundo Huberman (1979), os fisiocratas acreditavam na liberdade, no direito do indivíduo de fazer da sua propriedade o que melhor lhe agradasse, assim como Adam Smith, desde que não prejudicasse as demais pessoas da sociedade.

[...] “Laissez-faire”. Uma tradução livre dessa frase famosa seria: “Deixe-nos em paz!”. Laissez-faire tornou-se o lema dos fisiocratas franceses que viveram na época de Gournay. Eles são importantes porque constituem a primeira “escola” de economistas. Formavam um grupo que, a partir de 1757, se reunia regularmente sob a presidência de François Quesnay para examinar problemas econômicos. Os membros da escola escreveram livros e artigos pedindo a eliminação das restrições, defendendo o comércio livre, o Laissez-faire. (HUBERMAN, 1979 p. 149).

O papel do artesão

Primeiramente para os fisiocratas o cultivador e o artesão contam apenas com a retribuição do seu trabalho. Mas para eles há uma diferença nessas duas classes. O cultivador pelo trabalho que exerce na terra produz o seu salário, já o artesão simplesmente o recebe, ou seja, vem a ele a produção excedente da terra em troca do trabalho que faz. O proprietário assim depende do cultivador, porque, a terra não produz sem trabalho, como também, o cultivador depende das terras que pertencem ao proprietário. Assim, o proprietário abre mão do excedente que é a retribuição aos cultivadores para não perder tudo o que tem.

O cultivador é considerado o primeiro motor da sociedade.

Assim, embora tanto o cultivador como o artesão ganhem um e outro somente a retribuição do seu trabalho, o cultivador, gera, além dessa retribuição, o rendimento do proprietário; e o artesão não gera nenhum rendimento, nem para si, nem para os outros. (TURGOT, p.131, 1779).

Para Adam Smith o erro capital dos fisiocratas foi ter colocado a classe dos artífices como improdutíveis e estéreis. Smith vai colocando observações sobre a impropriedade dessa concepção (SMITH, p.138).

Os artífices reproduzem no mínimo o seu consumo anual e dão continuidade ao capital que lhes dá emprego. É claro, explica Smith, que os trabalhadores arrendatários e os que trabalham no campo produzem mais. Mas, isso não quer dizer que uma categoria superior torna a outra improdutiva. Como também, não podem ser colocados na mesma categoria que os trabalhadores domésticos e os soldados, “esse trabalho consiste em serviços que geralmente perecem no próprio instante em que são prestados, não se fixando nem realizando qualquer mercadoria vendável que possa repor o valor de seus salários e de seu sustento” (SMITH, p.138). Os artífices podem poupar, contribuindo para o aumento da riqueza do país.

Além disso, não necessariamente um país sem agricultura não pode sobreviver, pois se este tiver comércio e manufaturas é obrigado a comprar matérias em estado bruto numa quantidade elevada e exportar uma quantidade menor de manufaturados, porque no processo de transformação da matéria prima em manufaturado adquire-se valor. Por outro lado, para adquirir o objeto de seu trabalho e o seu próprio sustento, um país agrário sente a necessidade de importar produtos manufaturados e com isso exporta suas matérias primas para adquirir tais produtos. Um país que tem tanto a agricultura quanto as manufaturas sente menos necessidades de trocas, mas Adam Smith evidencia, como já explicitado, em sua obra “A Riqueza das Nações” a importância da troca e do livre comércio entre as nações, não podendo manter-se isoladas, para o aumento da riqueza de ambas as partes.

Considerações finais

As ideias captadas através dos textos dos autores aqui apresentados nos proporcionaram elementos para resgatarmos, dentro de limitações, indícios do passado que nos ajudam a construir um entendimento do contexto histórico averiguado.

O comércio é observado na vida do homem como uma das instituições mais antigas da civilização, uma prática de sobrevivência, inserida na vida da sociedade como ação econômica correspondente a prática social. Suas formas e concepções foram observadas e discutidas por muitos teóricos ao longo dos séculos, principalmente com o objetivo de potencializar seus resultados, como fora o caso dos pensadores em questão que analisavam o comércio nos moldes mercantilistas e teciam críticas e alternativas para superá-lo. Observar essas análises e concepções é não só pensar as semelhanças e diferenças conceituais das teorias, mas também analisar como as ideias podem expressar-se e como os homens repensam suas próprias práticas ao longo da história através do pensamento.

Segundo Arendt (1989), grande parte das ideologias ou conjunto de ideias e concepções, que buscam nortear ou explicar a realidade, tem em sua essência a busca por uma solução histórica, o que a autora chama de “a chave da História”: o que move os fatos, o que impulsiona a ação do homem, qual o papel do Estado, das classes ou do interesse individual, o que gera a riqueza, qual o melhor caminho para a nação, qual a melhor política a se seguir. Essas questões possuem mais que uma teoria econômica, mas também trazem um sentido de movimento da história.

Tendo em vista que a ciência econômica elabora diferentes teorias acerca do comércio e sua eficiência para o desenvolvimento da riqueza, é de suma importância a observação dessas concepções, partindo do pressuposto de que as ideias, expressões e elementos do passado, favorecem o entendimento histórico do momento pautado. O estudo das ideias nos possibilita ampliarmos o conhecimento do contexto histórico em que viveram esses pensadores.

Outra grande necessidade de estudo desses teóricos reside na importância de sua contribuição para o desenvolvimento das bases do pensamento clássico em economia, base para grande parte das teorias econômicas que os sucederam como David Ricardo, Karl Marx, etc.

A teoria dos fisiocratas teve um importante papel para os estudos da economia. Um dos resultados a ser enfatizado é que Quesnay e Turgot abordaram o comércio como sendo relevante para analisar a economia da França, portanto, com a leitura de seus escritos entende-se que ambos utilizavam o comércio para compreender a pobreza em que se encontrava a França naquele determinado momento. Dentro desses estudos percebeu-se que o setor agrícola, juntamente com o comércio, favoreceu aos fisiocratas entenderem qual o processo mais eficiente para o aumento da produção do país.

Os fisiocratas defenderam a liberdade dos indivíduos. Dentro das decisões econômicas foi enfatizado em seus escritos o comércio de cereais nas importações e exportações, segundo a teoria fisiocrata era essencial para manter o bom preço (*bom prix*). Smith aprofundou esses conhecimentos

analisando a Inglaterra e ditando que o sistema de trocas era a questão primordial para o desenvolvimento econômico.

Referências

- BRUE, Stanley L. **História do Pensamento Econômico**. 6ª edição. São Paulo: 2006.
- CUESTA, Alejandra. **La Fisiocracia**. Universidade Técnica de Ambato. 2009.
- DEYON, Pierre. O Mercantilismo. 4ª edição. Editora Perspectiva. São Paulo: 2001.
- GALIANI, F. **Diálogos Sobre o Comércio de Cereais**. Editora Sagesta. Curitiba, 1770.
- HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. Editora Zahar. Edição 1979.
- MISES, L.V. **La Acción Humana: Tratado de Economía**. Unión Editorial: Madrid, 1995.
- PRADA, V. V. **História Económica Mundial**. Ediciones Universidad, S.A. (EUNSA). 1999.
- QUESNAY, F. **Quadro Econômico**. Porto Editora, LTDA. 1958.
- _____. **Quadro Econômico**. Editora: Universitária Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1978.
- _____. **Obras Econômicas**. Abril Cultura, São Paulo. 1983.
- _____. **Quadro Econômico dos Fisiocratas**. São Paulo: Nova Cultura, 1986.
- SILVA, Moacir, **A História econômica da Revolução Francesa sob Perspectiva da Escola Fisiocrática**. Editora: Eduem 2010.
- SKINNER, Q. **Motives, Intentions and the Interpretation of Texts**. New Literary History, 1972. vol. 3.
- _____. **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SMITH, Adam. **Os Economistas: Investigação Sobre sua Natureza e suas Causas**. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo 1996. p. 202 e 203.
- TURGOT, A. R. J. **Reflexões Acerca da Formação e Distribuição das Riquezas**. Editora Porma LDTA. São Paulo, 1779.
- Documentos Eletrônicos:

ROTHBARD, Murray Newton. **Fisiocratas e o livre comércio**, 22 Agosto 2013
Disponível em:
<http://www.libertarianismo.org/index.php/academia/artigosnovo/1379-fisiocratas-e-o-livre-comercio>. > acesso em: 26 de ago. 2013.

_____. **A Ética da Liberdade**. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil, 2010.

CORAZZA, G e MARTINELLI, O. J. **Agricultura e Questão Agrária na História do Pensamento econômico**, Disponível em:
http://www.upf.br/cepeac/download/rev_n19_2002_art1.pdf. > acesso em: 02 de set. 2013.

POWELL, J. Disponível em: <http://www.libertarianismo.org/index.php/academia/biografi a/1040-anne-robert-jacques-turgot>. > último acesso em: 12 de ago. de 2013.

BRARROS, A.J. **História das Ideias – em torno de um domínio historiográfico**. Disponível em:
<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/275/237>. > último acesso em: 29 de set. de 2013.

VOGT, D.R. **A Linguagem como Intervenção Política**: uma análise sobre a contribuição de Quentin Skinner. Fev. de 2011.